

A vida em novo ritmo: o idoso na sociedade informatizada*

Harley Cardoso Menezes Campos**
Raimunda Silva d'Alencar***

Introdução

Nas últimas décadas, duas questões têm gerado discussões e produzido debates importantes no meio acadêmico, por representarem desafios sociais e culturais de grande expressão: o envelhecimento populacional brasileiro, como uma realidade que se instala em ritmo cada vez mais acelerado, e o domínio das novas tecnologias da informação como instrumento importante na relação ensino-aprendizagem e como instrumento de inclusão.

De um lado, o envelhecimento da população brasileira é um fenômeno relativamente novo, que tem trazido preocupação a estudiosos e chefes de governos, principalmente por se constituir em questão demandante de serviços, recursos e, portanto, de uma nova cul-

tura social. De outro lado, as inovações tecnológicas, consideradas por alguns estudiosos como a Revolução da Automação ou a Terceira Revolução Industrial, trazem desafios quando consideradas *vis-à-vis* com a educação, num debate que ainda está longe de ser encerrado.

Quando refletimos sobre a condição das pessoas idosas nessa "nova" sociedade, fica impossível ignorar o uso, por elas, da tecnologia. Elas não têm somente que se adaptar a uma nova realidade cujo ritmo é acelerado, mas também assumir o seu papel nesse processo. Isto pode significar um envelhecimento que supõe adaptações e estratégias de ajustes a novas circunstâncias ou a circunstâncias vitais para continuar interagindo.

Considerando a presença dos recursos tecnológicos de comunicação e

* Texto elaborado com base na pesquisa Aplicações Pedagógicas dos Computadores junto à população Idosa. UESC, 2003.

** Economista, Especialista, Professor do Ensino Fundamental. Itabuna, Bahia, 2005.

*** Professora e Coordenadora do Núcleo de Estudos do Envelhecimento da UESC, 2005.

informação no cotidiano de todos os cidadãos, é importante pensar na contribuição desses recursos para melhorar a qualidade de vida das pessoas idosas.

Com base nesses aspectos, do acesso e domínio das tecnologias, é importante realçar a formação de profissionais da educação voltados para o segmento idoso da população, também ele vítima dos desafios, principalmente devido às mudanças em seu papel de instrutor e transmissor de conhecimento, para o de organizador e orientador. É grande o número de estudos e opiniões sugerindo o uso dos computadores na educação. Isto significa acreditar que as funções do ensino mudam com o uso das chamadas novas tecnologias. Embora haja uma rica produção em torno dos ganhos que a tecnologia promove junto à juventude e às crianças, a questão para os idosos ainda não está amplamente colocada ou, mais ainda, respondida.

Não se pode desconsiderar que o perfil da vida social, cada vez mais condicionado às tecnologias, tende a excluir indivíduos, em particular aqueles já considerados fora do circuito da produção - os idosos -, a quem se imputam dificuldades para aprender.

É indiscutível que a informática tem revolucionado muitos aspectos da sociedade e, em especial, estabelecido conexões sem precedentes entre indivíduos,

grupos, comunidades, sociedades, principalmente por eliminar as barreiras de tempo e espaço e permitir que as pessoas se interconectem, trabalhem juntas, mesmo que estejam em lugares distintos.

O acesso à informação torna-se cada vez mais relevante, e esse papel é creditado à educação e às tecnologias. Um grande desafio passa a ser a aprendizagem constante, dando ao sujeito a oportunidade de acompanhar as transformações culturais e sociais, com mais presença e interação, que ajudam a melhorar o viver. Um outro desafio é o acesso de idosos a informações e conhecimentos que lhes permitam condições instrumentais mínimas para fazer frente aos novos cenários, às novas transformações, apesar dos altos custos dos equipamentos para boa parcela da população.

Indiscutivelmente, as tecnologias são potencializadoras de novos tipos de relacionamentos, de interação e comunicação através de sistemas *on line*, além de criarem oportunidades para minimizar as dificuldades de interação, hoje tão presentes na vida de parcela significativa de idosos, independentemente da sua vontade, do seu conhecimento.

Não se pode esquecer que as aposentadorias, que precisam ser sacadas, mensalmente, por esses idosos, dependem de serviços bancários informatizados, hoje realizados plenamente sem presen-

ça e auxílio de funcionários. A falta de conhecimento, os problemas de memória para reter números de senha, o medo de errar na tecla, a lentidão na leitura das mensagens que a máquina vai revelando, a necessidade de repetir operações, tirando e colocando cartões, são problemas enfrentados pelos idosos, cotidianamente. Isto traduz a relevância de potencializar as habilidades individuais desses idosos com as novas tecnologias e todos os recursos que elas possibilitam, o que representa uma contribuição para a construção de novos conhecimentos por parte dessas pessoas que estão à margem do acesso (ou, no máximo, chegando muito lentamente) às novas comunicações e informações tecnológicas.

Uma das dificuldades relatadas por quem “ensina” a lidar com computadores é a desmotivação de idosos para as aulas, por se sentirem incapazes de um aprendizado que para eles ainda é considerado distante. Os depoimentos ouvidos dão a exata medida desse sentimento: *já passei do tempo; não consigo; não é pra mim; será que eu posso?* Abandono, desistência, evasão traduzem essa desmotivação, mas podem traduzir, também, falta de pessoal qualificado para lidar com pessoas cujos ritmos

de aprendizagens podem estar mais lentos e cujas motivações são diferenciadas também, inclusive por força de algumas incapacidades do tipo: controle sensório-motor para trabalhar com o *mouse*, principalmente para quem sofreu algum tipo de acidente vascular cerebral (AVC), perda ou redução da capacidade auditiva para ouvir as orientações dos instrutores, dentre outras.

Nesse sentido, a idéia deste artigo é compreender as novas habilidades na utilização cotidiana do computador por parte de pessoas idosas, a percepção dessas pessoas sobre as condições que facilitam e dificultam a utilização de recursos tecnológicos, inclusive o conhecimento dos idosos a respeito das dificuldades e opções de programas que mais utilizam.

Para isso, foram tomados como sujeitos do estudo idosos integrantes do Programa de Extensão para a Terceira Idade, desenvolvido pelo Núcleo de Estudos do Envelhecimento da UESC¹. Tratam-se de sujeitos com idades entre 52 e 70 anos, com escolaridade distribuída entre o primeiro grau (15% dos participantes), segundo grau (46%) e terceiro grau (38%), na sua totalidade do sexo feminino, aposentadas (58%) e não aposentadas (42%).

¹ Universidade Estadual de Santa Cruz, localizada em Ilhéus, sul do Estado da Bahia.

A profissão dominante das entrevistadas é a de professora, representada por 38% delas. Em termos de renda, 50% recebem acima de três salários mínimos, 38% recebem entre um e dois salários mínimos, e 12% recebem até um salário mínimo.

Com relação à ocupação atual, 55% responderam que trabalham, enquanto 45%, não, o que confirma a tendência apontada em diversos estudos de que aposentados continuam ocupados. Das que não trabalham, 40% dizem estar ocupando o tempo com o seu próprio lazer, dedicando suas horas livres a cursos, diversão, viagens.

A Velhice e a Educação

Falar de envelhecimento é falar de um fenômeno evolutivo, universal, um *continuum* do ciclo da vida. Trata-se de um processo natural, gradual, que promove, indiscutivelmente, modificações de ordem biológica, psicológica e social.

O idoso tem sido presença cada vez mais relevante na literatura científica, dada a preocupação que tem despertado para estudiosos das diferentes áreas do conhecimento. O aumento expressivo dessa população idosa no Brasil se

constitui em desafios de múltiplas naturezas, inclusive para serviços diversos, dentre os quais a educação. Dados contabilizados no censo demográfico de 1980 dão conta de que essa população duplicou em apenas vinte anos, saindo de três milhões em 1960 para sete milhões em 1980; de 1980 para 2000 já representam mais de treze milhões. A previsão para 2020 é de trinta e três milhões de idosos. Além disso, os anos de velhice também aumentam.

Refletindo sobre as estratégias das mudanças a serem enfrentadas pelas pessoas, Villar² as divide em dois grandes grupos: no primeiro grupo estariam aquelas que consistem em transformar o mundo ou aspectos do mundo que não sejam problemáticos, mas que, de alguma forma, incomodam as pessoas. Neste caso, as pessoas vão mudar as situações que dificultam o alcance das suas metas e preferências. No segundo grupo, o que vai mudar não são as situações, quando as pessoas atribuem-lhes significados diferentes; o que muda são as interpretações da realidade, não a realidade mesma.

Dentre as estratégias de que as pessoas podem lançar mão para compensar ou mudar os aspectos negativos as-

² VILLAR, Feliciano. Adaptación al Envejecimiento: entre transformar el mundo y transformarnos nosotros mismos. In: **Revista Tiempo** – El Portal de la Psicogerontología, n. 8, 2001.

sociados à idade, o autor destaca a continuidade da *vinculação ao mundo*. Esta vinculação refere-se a três aspectos fundamentais:

- manter-se ativo, física e intelectualmente, naquelas tarefas de que sempre gostou;
- continuar vinculado ao mundo, o que implica também manter e, inclusive, aprofundar as relações de afeto e amizade que cada indivíduo mantém com as pessoas que o rodeiam;
- comprometer-se com a comunidade e as instituições.

É preciso realçar, no entanto, que não se trata apenas de dedicar mais tempo àquelas tarefas ou atividades das quais o indivíduo sempre gostou, mas também explorar novas atividades, novas identificações. As pessoas que conservam sua curiosidade, sua vontade de aprender e de experimentar coisas novas, como o uso do computador, são, sem dúvida, as que podem desfrutar melhor de seu tempo com menos obrigações e uma liberdade maior para fazer o que desejam, trabalhar melhor os *déficits*, sejam eles de conhecimento, de interação ou de organização frente à vida e ao mundo.

Conhecer as dificuldades de pessoas idosas que retornam aos processos

de educação tecnológica facilita a identificação e o estabelecimento de metodologias de ensino seguras e eficazes, capazes de contribuir com o suprimento de algumas necessidades básicas e, assim, ampliar as possibilidades de melhoria da qualidade da aprendizagem e, por extensão, da qualidade da própria vida.

É preciso atentar para uma questão importante, que é não confundir as limitações ou dificuldades de manuseio da tecnologia com deficiência ou impedimento de aprendizagem. É comum que a velhice, não obstante se constitua em uma etapa do desenvolvimento humano, fazendo parte, portanto, do *continuum* da vida, não desfrute de um *status* positivo, conseqüência das construções sociais estereotipadas do sujeito idoso, construções essas que geram prejuízos significantivos às pessoas em tal condição.

É preciso que se reconheça que as mudanças que chegam com a velhice não são, necessariamente, doenças, embora essa associação ainda exista; pode-se falar em alterações nos ritmos de suas ações ou, ainda, em necessidades distintas na velhice. Essa compreensão facilita a percepção das potencialidades que também chegam nessa etapa da vida. Essas mudanças afetam a vida das pessoas de forma profunda, e seu inter-relacionamento gera

perplexidade, dúvida e incerteza.

Nesses termos, a educação aparece com um papel significativo, que deve responder a uma demanda social que cresce dia após dia. Os sistemas educativos são chamados a oferecer as mesmas oportunidades de educação a todos, a respeitar a diversidade de interesses, a dar respostas a todos os tipos de exigências. Uma delas se associa à necessidade que têm os idosos de continuarem interagindo, ativos, autônomos, cuidando da própria vida.

Numa perspectiva de proporcionar mais qualidade de vida a essa geração, é preciso investir na cultura, na experiência individual, na história de vida de cada um. Não se tem dúvidas, pois, das necessidades que têm os idosos de utilizarem as novas tecnologias, em especial o computador e todo o seu universo, inclusive para sair da condição de isolamento em que muitos ainda se encontram. Embora controvertido e polêmico, o tema da tecnologia na educação de idosos incita inúmeras discussões (longe de serem consensuadas). Assim como o rádio teve o seu momento e foi logo de domínio de toda a população, a informática, o vídeo e a telecomunicação aparecem como instru-

mentos que podem transformar a natureza dos processos educativos, inclusive (re)criando visões de educação e relacionamentos.

Citando Mercado (1999, p. 27)³, não se tem dúvidas de que “as novas tecnologias criam novas chances de reformular as relações”, de singular significado para os idosos, que chegaram a essa idade sem a oportunidade de utilização desses equipamentos.

A pressão que idoso tem estabelecido junto ao sistema educativo levou as universidades a abrirem seus espaços para esse segmento, cuja participação vem crescendo a cada ano, seja como alunos regulares dos cursos de graduação oferecidos, seja participando de atividades extensionistas, aquelas que unem instituição de ensino superior e comunidade. Trata-se de um singular avanço educacional, sugerindo o reconhecimento da existência de diferenças e necessidades individuais de sujeitos de qualquer idade, produzindo novas condições e novas atitudes, tanto da educação quanto dos profissionais envolvidos. No caso do sujeito idoso, não se pode desconsiderar que parcela significativa envelheceu marginalizada da educação formal.

³ MERCADO, L.P.L. *Formação Continuada de Professores e Novas Tecnologias*. Maceió, 176p.

O aumento da oferta de oportunidades educativas para o segmento idoso e os reflexos decorrentes da sua participação sinalizam a natureza potencializadora da educação, considerando que a participação de idosos em atividades educacionais cria oportunidades de mais envolvimento em atividades sociais, mais engajamento, mais prazer e alegria de viver. Isto significa que o caráter da educação voltado apenas para a formação profissional está mudando e provocando revoluções na própria ciência pedagógica; uma transformação radical dos conceitos dominantes. O novo conceito de educação traz à baila a educação continuada, em que o princípio da educação para todos e, conseqüentemente, por todo o período da vida, passa a ser relevante (DELORS, 2000)⁴.

Educação e velhice, embora tenham se constituído numa relação discutível ao longo do tempo, vem ganhando novos contornos ultimamente. A idéia de vincular o ato de aprender a rendimento e às faixas etárias mais jovens vem sendo, gradualmente, sepultada. Delors (idem)⁵ afirma que uma das tarefas essenciais

da educação é “ajudar a transformar a interdependência real em solidariedade desejada em um mundo cada vez mais complexo”.

Para dar conta das múltiplas situações em que se vê exigida, diz Delors (idem, p. 89), “a educação deve organizar-se em torno de quatro aprendizagens fundamentais que, ao longo de toda a vida, serão de algum modo para cada indivíduo, os pilares do conhecimento”.

Sugerindo que as aprendizagens são diferenciadas, mas complementares, esse autor vai destacar a aquisição dos instrumentos da compreensão (aprender a conhecer), da ação sobre o meio (aprender a fazer), da participação e cooperação com os outros em todos os momentos (aprender a viver juntos), da autonomia, do auto conhecimento, da auto motivação, da auto determinação, integrando as três anteriores (aprender a ser). A idéia é de que todos, independentemente de idade, cor, classe social, religião, possam “descobrir, reanimar e fortalecer o potencial criativo” que cada um carrega (idem, p. 90)⁶.

⁴ DELORS, J. **Educação - um tesouro a descobrir**. 8. ed. São Paulo: Ed. Cortez, 2000.

⁵ DELORS, idem.

⁶ DELORS, obra citada.

Refletindo sobre o uso do computador pelos idosos

É muito comum ouvir que estamos na era da informática. Em pouco tempo, a velocidade com que se desenvolve a comunicação, através dos computadores, faz com que uma nova preocupação surja: não ter acesso e domínio dessa ferramenta é permanecer excluído e/ou analfabeto; é estar fora do mundo.

O processo de informatização da sociedade brasileira apresenta espantosa velocidade, tornando-se, pois, irreversível. O poder público tem sinalizado interesses na criação de condições que busquem diminuir a distância tecnológica que separa o País de nações mais desenvolvidas, ou separa pessoas dentro do próprio País. Para os sujeitos idosos, em particular, o não domínio das tecnologias impõe limites de pertencimento que precisam ser considerados. A idade avançada implica em aumento do tempo livre, um tempo que precisa ser preenchido e redirecionado para novas atividades.

As tecnologias, em especial o uso do computador e a internet, têm representado instrumento importante de ocupação do tempo, de forma útil e prazerosa. A internet vai gradativamente se incorporando à vida das pessoas como uma ferramenta importante para possibilitar o seu bem-estar. Trata-se de

uma composição em que a percepção de conjunto e o reforço das imagens e oralidade, aliados à racionalidade e escrita, resultam numa abordagem que faz uso do som, da imagem e da palavra, tornando-se marca da sociedade contemporânea.

A presença de um computador num ambiente, embora não substitua a presença, tampouco assegure um pleno preenchimento de vazios e perdas, instaura uma nova sociabilidade. As pessoas se enclausuram em suas habitações, característica dos grandes centros urbanos, e dali mesmo se comunicam, compram, vendem, visitam museus, pesquisam sobre diferentes temas, lêem jornais e revistas, fazem operações bancárias, namoram. São as novas mídias que, próximas ou à distância, seduzem, aceleram, facilitam, tornam a sociedade e as relações cada vez mais próximas, ainda que se possa considerá-las efêmeras, virtuais. As redes telemáticas fomentam novos tipos de relacionamentos, de interação e comunicação, através de sistemas *on line*.

Democratizar o acesso ao computador, transcender a solidão social e individual em um universo de motivações e interesses, gerando situações de inclusão na sociedade, através da tecnologia como elemento da cultura dessa sociedade, é o grande desafio do poder público. Sentir-se atraído e ter o seu aces-

so garantido a essas tecnologias é a grande esperança do cidadão idoso.

Moraes (2000)⁷, analisando a existência de duas áreas tecnológicas, afirma que a primeira é caracterizada pelo processamento de dados e procedimentos operacionais administrativos, para um pequeno número de indivíduos (especialistas, técnicos em equipamentos situados em verdadeiras ilhas, isolados de tudo e de todos, em departamentos desconectados); na segunda, diz ela, os sistemas computacionais são ferramentas estratégicas, operados por usuários finais que controlam os seus efeitos sobre o seu trabalho e são beneficiados diretamente. “As informações e as tecnologias chegaram onde deveriam chegar, ou seja, ao usuário”, completa.

A utilização do computador pelo indivíduo vai desde operações bancárias até exercícios físicos, que podem ser simulados e controlados por meio de sistemas eletrônicos. Os cartões inteligentes, com dados pessoais memorizados, e valores em dinheiro, servindo de substitutos do papel moeda, cheques e até cartão de crédito, são algumas das mudanças que enfrenta o cidadão idoso, cotidianamente.

Sugerir atividades práticas e de-

monstrar os recursos dessa máquina, que o imaginário popular ainda enxerga como um bicho de sete cabeças, deve se constituir em uma motivação a mais dentro dos programas de educação de idosos. O computador pode se revelar uma ferramenta indispensável para quem precisa permanecer antenado com o mundo, articulando o seu uso ao cotidiano dessas pessoas, atentando para não deixar que isso seja adicionado aos problemas que já têm, mas sim, parte da resolução desses.

Ainda que se considere a alteração no ritmo de aprendizagem, o sujeito idoso mantém a capacidade para adquiri-la. Além da motivação para aprender e da necessidade de uma metodologia adaptada à condição do sujeito idoso, Milagros (2001, p. 20)⁸ assinala que os idosos precisam de mais tempo, de técnicas/dinâmicas que compensem determinadas deficiências sensoriais e de percepção de ambiente adequado, além de tranquilidade dos envolvidos, e paciência do professor, dizem as idosas.

Ao analisar os níveis de interesse, nas facilidades e dificuldades, bem como as perspectivas que têm as idosas quanto à utilização da máquina, fica a idéia de que os cursos para esse segmento

⁷ MORAES, M. C. O. **Paradigma educacional emergente**. Campinas, SP: Papyrus, 1997, 239p.

⁸ MILAGROS, Martín. Envejecimiento y cambios psicológicos. In: **Revista Tiempo**, n. 9, dic., 2001.

deveriam ter um tempo maior, ministrados a partir de situações-problemas apresentadas pelos interessados. Alguns depoimentos dão conta de outros níveis de exigência, em especial com os professores de cursos de informática e com a falta de domínio do idioma inglês, um dos elementos dificultadores do uso: 1) *gostaria de aulas com alguém que soubesse compreender nossas dificuldades;* 2) *nunca manuseei;* 3) *preciso de aulas para saber mexer na máquina;* 4) *é difícil conhecer tudo sozinho;* 5) *às vezes ficamos sem saber o que o professor fala;* 7) *a linguagem em inglês atrapalha.*

Com base no perfil do idoso e das especificidades apresentadas com relação ao conhecimento de informática, foi possível identificar que 100% das entrevistadas já fizeram curso (mas desejam fazê-lo novamente) e 60% utilizam o computador no cotidiano, embora encontrem dificuldades na sua utilização, e o façam com interesse na comunicação, enquanto 30% só se interessam por fazer pesquisas na internet para ampliar conhecimento, desconhecendo outras finalidades. Quanto à necessidade de voltarem a fazer novos cursos na área, as entrevistadas justificam que *é indispensável, é como ler e escrever, por po-*

der incorporar novas utilidades, acompanhar o desenvolvimento.

Entre dificuldades e facilidades encontradas na utilização do computador, 35% não conseguem manusear o mouse com agilidade; os que conseguem acham que basta apenas *paciência do professor*. Além disso, o fato de ser um equipamento com linguagem em inglês, atrapalha o manuseio e a segurança do uso, basicamente pelo desconhecimento do idioma. Ainda sobre em quais situações o computador poderia entrar no seu cotidiano, 30% disseram poder aproveitar em seus estudos para digitar pequenos trabalhos e fazer muitas pesquisas sobre diversos assuntos.

Naturalmente que não se pode desconsiderar que o ritmo desse aprendizado não será o mesmo para as faixas etárias jovens e não tão jovens. Para os mais jovens, aceitar o ritmo da nova era tecnológica é uma tarefa menos difícil do que para uma pessoa mais velha, cuja imagem do mundo foi formada em outros tempos. Como diz Oppenheimer (apud PIKUNAS, 1979, p. 398)⁹, “o conhecimento que costumava dobrar-se em milênios, depois em séculos, agora dobra-se em uma década”.

Kachar (2001)¹⁰, compartilhando de

⁹ PIKUNAS, J. **Desenvolvimento Humano**: uma ciência emergente. 3. ed. São Paulo: McGraw-Hill, 1979. 494p.

¹⁰ KACHAR, Vitoria (org.) **Longevidade**: um novo desafio para a educação. São Paulo: Cortez, 2001. 189p.

experiências práticas na coordenação de cursos de introdução à informática para alunos idosos, assinala que os cursos propiciam a esses alunos a possibilidade de aprender e compreender novas linguagens da informática e dominar alguns programas. Entre os citados pela autora, estão o Windows e o Word. Essa situação também foi encontrada junto às idosas de nossa pesquisa.

Visando evitar o abandono dos cursos por parte dos idosos, situação que é freqüentemente abordada por professores de cursos de informática, é importante levar em conta que a capacidade do idoso de aprender informática é igual à de qualquer jovem que se interessa por computador e tem acesso a ele. Basta que seus interesses também sejam explorados e as condições lhes sejam oferecidas.

Em sua concepção de aprendizagem, o construtivismo destaca a posição ativa do sujeito que aprende, pois é ele quem elabora o seu conhecimento. No entanto, assinala também que o professor, enquanto facilitador do processo de aprendizagem, deve possibilitar o desenvolvimento intelectual dos alunos a partir da criação de situações motivadoras e estimulantes, de modo a facilitar sua participação e atuação.

Não se pode desconsiderar, no entanto, que há pessoas portadoras de dificuldades referentes à memória e funções sensório-motoras que exigem uma sensibilidade ainda maior por parte do sujeito facilitador da aprendizagem. Como afirma Pikunas (1979, p. 415)¹¹, “se o aposentado não tem uma saída para exercer seus poderes e capacidades, o sentimento de inutilidade que resulta é prejudicial à sua segurança e *status*”.

As experiências têm mostrado que idosos que lidam com a tecnologia da informática, que conseguem estabelecer comunicação com uso da internet, sentem-se vivos, vivendo um tempo que é de todos, o tempo da sociedade informatizada, o tempo da comunicação, o tempo da interação. Além de possibilitar uma comunicação com outras pessoas, de forma imediata e com rápida resposta, a internet abre espaços para receber informações de diferentes tipos e origem. Com isso, o idoso experimenta a sensação de pertencimento, de inclusão. A comunicação é importante para a manutenção da auto estima do idoso. Isto o faz sentir-se respeitado e confiante, com atitudes positivas e abertas, sentindo-se pertencente a um grupo.

¹¹ PIKUNAS, idem.

¹² PIKUNAS, obra citada.

Finalmente, a introdução da tecnologia no cotidiano de pessoas idosas poderá criar condições interessantes, inclusive de maior interação com os netos, que já manejam essa tecnologia com desembaraço ou, ainda, de utilização no registro das lembranças. Como afirma Pikunas (idem, p. 426),¹² “muitas pessoas de idade ficam interessadas por memórias pessoais mas, por encontrarem poucos ouvintes, recorrem a escrevê-las”. O computador poderá se transformar em um excelente instrumento para a reelaboração das lembranças, além de recriação de novas convivências entre avô-neto.